ARRANHA-CÉUS

Tradução de **Marta Mendonça**
e **Rute Mota**

«O melhor romance de Ballard.
Um triunfo.»

The Times

J. G. Ballard

ELSINORE

1

MASSA CRÍTICA

Mais tarde, sentado na varanda a comer o cão, o Dr. Robert Laing refletiu sobre os estranhos acontecimentos que nos últimos três meses tinham ocorrido no interior do prédio enorme. Agora que tudo regressara à normalidade, surpreendia-o não ter havido um início evidente, um ponto além do qual as vidas deles tivessem entrado numa dimensão claramente mais sinistra. Com os seus quarenta pisos e mil apartamentos, o supermercado e as piscinas, o banco e a escola básica — na realidade tudo abandonado no céu —, o arranha-céus oferecia oportunidades mais do que suficientes para a violência e o conflito. Obviamente, o estúdio dele no 25.º piso seria o último lugar que Laing teria imaginado como sendo o ponto de partida das escaramuças. Essa cela excessivamente dispendiosa, enfiada de modo quase aleatório na face escarpada do prédio e que ele adquirira logo após o divórcio especificamente pela paz, sossego e anonimato que lhe oferecia. Curiosamente, não obstante todos os esforços de Laing para se distanciar dos dois mil vizinhos e do regime de disputas e exaltações triviais que preenchiam a sua vida coletiva, fora nesse lugar, de entre tantos lugares, que a primeira ocorrência significativa acontecera: na varanda onde ele agora se encontrava agachado junto a uma fogueira feita a partir de listas telefónicas, a comer a pata traseira assada de um pastor-alemão antes de ter de sair para dar a sua aula na faculdade de medicina.

Enquanto preparava o pequeno-almoço, pouco depois das onze horas de uma manhã de sábado, três meses antes, o Dr. Laing

sobressaltou-se com uma explosão que se fez ouvir na varanda da sua sala de estar. Uma garrafa de vinho espumante caíra de um piso quinze metros acima, fizera ricochete num toldo durante a queda e estilhaçara-se no chão de tijoleira da varanda.

O tapete da sala de estar estava salpicado de espuma e de vidros partidos. Laing encontrava-se parado, descalço, entre os fragmentos aguçados, vendo o vinho borbulhar sobre os mosaicos rachados. Bastante acima dele, no 31.º piso, decorria uma festa. Ele ouvia o som das conversas intencionalmente empolgadas, o ribombar agressivo de um gira-discos. O mais certo era a garrafa ter sido deixada cair do parapeito por um conviva qualquer mais exaltado. Como seria de esperar, ninguém da festa ficara minimamente preocupado com o destino final do projétil — mas, como Laing já havia constatado, os residentes dos arranha-céus não têm por hábito preocuparem-se com os inquilinos que moram mais de dois pisos abaixo deles.

Tentando identificar o apartamento, Laing caminhou sobre a poça de espuma fria. Se se demorasse em cima do líquido, poderia facilmente ficar com a maior ressaca do mundo. Debruçou-se sobre o parapeito e espreitou para cima, para a face do edifício, contando cuidadosamente as varandas. Como de costume, porém, a dimensão do prédio com quarenta andares provocou-lhe uma tontura. Baixando o olhar para o chão de tijoleira, agarrou-se ao pilar da porta para se equilibrar. O volume imenso de espaço aberto que separava o edifício do arranha-céus contíguo, a quatrocentos metros de distância, afetava-lhe o equilíbrio. Por vezes tinha a sensação de morar na gôndola de uma roda-gigante, permanentemente suspenso a noventa metros do chão.

Ainda assim, Laing continuava encantado com o arranha-céus, um de cinco módulos idênticos de um projeto de desenvolvimento e o primeiro a ficar concluído e a ser habitado. Todos juntos situavam-se numa área com 2,59 quilómetros quadrados composta de docas e armazéns abandonados, ao longo da margem norte do rio.

Os cinco arranha-céus localizavam-se no perímetro oriental do projeto, voltados para um lago decorativo: hoje uma bacia de cimento vazia, rodeada de parques de estacionamento e de material de construção. Na margem oposta ficava a recém-concluída sala de concertos, com a faculdade de medicina de Laing de um lado e os novos estúdios de televisão do outro. A vasta escala da arquitetura de vidro e cimento, assim como a localização impressionante na curva do rio, demarcavam o projeto de desenvolvimento das zonas degradadas em redor, moradias do século XIX deterioradas e fábricas vazias já divididas para reaproveitamento.

Apesar da proximidade da cidade, três quilómetros no sentido oeste ao longo do rio, os edifícios de escritórios do centro de Londres pertenciam a um mundo completamente diferente, tanto no tempo como também no espaço. As paredes de vidro e as antenas de telecomunicações estavam obscurecidas pela poluição, tornando indistintas as recordações de Laing do passado. Seis meses antes, quando vendera a sua casa em Chelsea e se mudara para a segurança do arranha-céus, avançara cinquenta anos no tempo, afastando-se das ruas apinhadas de gente, do trânsito infernal e das viagens de metropolitano durante a hora de ponta, rumo à supervisão de alunos num gabinete partilhado no antigo hospital universitário.

Ali, em contrapartida, as dimensões da sua vida eram o espaço, a luz e os prazeres de um tipo de anonimato subtil. A viagem de carro até ao departamento de fisiologia da faculdade de medicina demorava cinco minutos e, à exceção dessa única viagem, a vida de Laing no arranha-céus era tão autónoma como o edifício em si. Na verdade, o prédio era uma pequena cidade vertical, os dois mil habitantes empilhados até ao céu. Os condóminos eram coproprietários do edifício, que administravam eles mesmos por intermédio de um administrador do condomínio e respetivo pessoal.

Para o seu tamanho, o arranha-céus continha uma variedade impressionante de serviços. O 10.º piso era um espaço aberto,

tão amplo como a pista de aterragem de um porta-aviões, onde havia um supermercado, um banco e um salão de cabeleireiro, uma piscina e um ginásio, uma loja de bebidas bem abastecida e uma escola básica para as poucas crianças que moravam no prédio. Bastante mais acima de Laing, no 35.º piso, havia uma segunda piscina mais pequena, uma sauna e um restaurante. Encantado com essa abundância de comodidades, Laing saía cada vez menos do edifício. Desempacotara a sua coleção de discos e iniciara uma vida nova ao som dessa coleção, sentado na varanda a contemplar os parques de estacionamento e as praças feitas de cimento lá em baixo. Apesar de o apartamento ser apenas no 25.º piso, era a primeira vez que tinha a sensação de contemplar o céu de cima em vez de o olhar de baixo. A cada dia que passava, as torres do centro de Londres pareciam ligeiramente mais distantes, a paisagem de um planeta abandonado esgueirando-se lentamente da mente dele. Em contraste com a geometria calma e desimpedida da sala de concertos e dos estúdios de televisão lá em baixo, o contorno irregular da cidade fazia lembrar o inquietante encefalograma de uma crise mental por resolver.

O apartamento tinha sido caro, um estúdio com sala, quarto, cozinha e casa de banho, divisões encaixadas umas nas outras para minimizar o espaço e evitar a existência de corredores interiores. À irmã, Alice Frobisher, que morava com o marido editor num apartamento de maior dimensão três pisos abaixo, Laing havia dito:

— O arquiteto deve ter passado os anos de formação enfiado numa cápsula espacial. Admira-me que as paredes não sejam curvas...

No início, Laing achara a paisagem de cimento do projeto algo alienante: uma arquitetura concebida para a guerra, quanto mais não fosse ao nível do subconsciente. Após toda a tensão do divórcio, a última coisa que queria era espreitar pela janela e ver uma fileira de *bunkers* de cimento todas as manhãs.

Contudo, Alice tinha-o rapidamente convencido da intangibilidade de uma vida num arranha-céus de luxo. Sete anos mais velha do que Laing, fizera uma avaliação astuciosa das necessidades do irmão nos meses que se seguiram ao divórcio dele. Realçara a eficiência dos serviços do edifício, da sua privacidade total.

— Podes estar sozinho num edifício vazio. Pensa nisso, Robert. — E acrescentou, sem grande lógica: — Além disso, está cheio do tipo de gente que devias conhecer.

Com isso corroborara algo que Laing tinha constatado depois de inspecionar o prédio. Os dois mil condóminos formavam uma coleção praticamente homogénea de profissionais ricos: advogados, médicos, consultores fiscais, professores universitários e executivos publicitários, assim como um grupo mais reduzido de pilotos de avião, técnicos cinematográficos e trios de hospedeiras que partilhavam apartamentos. De acordo com os habituais critérios financeiros e educacionais, eram provavelmente mais semelhantes entre eles do que os membros de qualquer outra mistura social, com os mesmos gostos e atitudes, as mesmas tendências e estilos: claramente refletidos na escolha de automóveis parados nos parques de estacionamento que circundavam o arranha-céus, na forma elegante mas algo estandardizada como mobilavam os apartamentos, na seleção de alimentos sofisticados na charcutaria do supermercado, nas vozes carregadas de confiança. Em suma, formavam o ambiente perfeito para Laing se poder fundir de forma invisível. A visão entusiasmada da irmã dele sozinho num edifício vazio estava mais próxima da realidade do que ela imaginava. O arranha-céus era uma máquina imensa desenhada para servir, não o corpo coletivo de condóminos, mas o residente individual em isolamento. A catrefada de condutas de ar condicionado, de elevadores, de condutas de lixo e de quadros elétricos proporcionava um fornecimento constante de manutenção e cuidados que um século antes teria exigido um exército de escravos incansáveis.

Além disso, assim que Laing fora nomeado professor universitário de fisiologia na nova faculdade de medicina, o arrendamento de um apartamento próximo fazia todo o sentido. Permitira-lhe também adiar mais uma vez a decisão de desistir do ensino e começar a exercer clínica geral. Mas, como disse a si mesmo, continuava à espera de que os seus verdadeiros pacientes aparecessem: talvez os encontrasse ali, no arranha-céus? Racionalizando as suas dúvidas acerca do custo do apartamento, Laing assinara um contrato de arrendamento com a duração de noventa e nove anos e mudara-se para a sua milésima parte da face escarpada.

Os sons da festa continuavam a soar bastante acima da cabeça dele, amplificados pelas correntes de ar que afluíam, irregulares, à volta do edifício. O resto do vinho tinha escorrido pela caleira da varanda, borbulhando em direção aos esgotos já de si imaculados. Laing pousou o pé descalço na tijoleira fria e, com os dedos do pé, retirou o rótulo do fragmento de vidro. Reconheceu o vinho de imediato, uma marca cara de champanhe de imitação que era vendida refrigerada na loja de bebidas do 10.º piso e que era o artigo mais popular.

Eles tinham estado a beber esse mesmo vinho na festa de Alice, na noite anterior, um evento tão confuso como o que decorria agora acima da cabeça dele. Ansioso para se descontrair depois de ter passado a tarde inteira a fazer demonstrações nos laboratórios de fisiologia, e de olho numa conviva atraente, Laing tinha-se visto inexplicavelmente numa ligeira confrontação com os vizinhos imediatos do 25.º andar, um jovem e ambicioso cirurgião ortodôntico chamado Steele e a intrometida esposa consultora de moda. A meio de uma conversa embriagada, Laing apercebera-se de súbito de que os tinha ofendido profundamente por causa da conduta de lixo que ambos partilhavam. O casal encurralara Laing atrás do bar da irmã dele, e Steele disparara

uma série de perguntas contundentes na sua direção, como se estivesse seriamente incomodado com a atitude irresponsável de um paciente para com a própria boca. O rosto magro dele completado com um risco ao meio — eterno indício de uma estranha deformação de personalidade, aos olhos de Laing — aproximou-se ainda mais, e Laing quase esperou que Steele lhe enfiasse um grampo de retenção ou um retrator entre os dentes. A mulher enérgica e glamorosa deu seguimento à investida, de certa forma desafiada pela postura descontraída de Laing, pelo desprendimento dele em relação ao assunto sério que era a vida no arranha-céus. O gosto de Laing por *cocktails* antes do almoço, o facto de tomar banhos de sol completamente nu na varanda e o seu ar libertino em geral irritavam-na sobremaneira. Ela era claramente da opinião de que, com trinta anos, Laing devia trabalhar doze horas por dia numa consultora moderna e ser, em todos os aspetos, tão respeitável como o vaidoso do marido dela. Sem dúvida que via Laing como uma espécie de evadido interno da profissão médica, com um túnel secreto que conduzia a um mundo menos responsável.

Esses conflitos de baixo nível deixaram Laing surpreendido, mas, pouco depois da sua chegada ao prédio, começou a aperceber-se da quantidade extraordinária de antagonismos mal disfarçados em seu redor. O arranha-céus tinha uma segunda vida própria. A conversa na festa de Alice movia-se em dois níveis: imediatamente subjacente à banalidade dos mexericos profissionais, havia uma capa dura de rivalidade pessoal. Às vezes ele sentia que estavam todos à espera de que alguém cometesse um erro grave.

Depois do pequeno-almoço, Laing limpou os vidros na varanda. Dois quadrados da tijoleira decorativa tinham ficado rachados. Ligeiramente irritado, Laing pegou no gargalo da garrafa, ainda com a rolha, o arame e o alumínio, e atirou-o por cima do parapeito da varanda. Segundos depois ouviu-o estilhaçar-se entre os carros estacionados em baixo.

Acalmando-se, Laing espreitou cautelosamente por cima do parapeito: podia facilmente ter partido o para-brisas de alguém. A rir-se alto perante esse seu gesto aberrante, ergueu o olhar para o 31.º andar. O que estariam a comemorar às onze e meia da manhã? Laing ouvia o barulho aumentar à medida que chegavam mais convidados. Seria uma festa que começara acidentalmente demasiado cedo ou que durara a noite inteira e que agora estava com uma energia renovada? O tempo interno do arranha-céus, qual clima psicológico artificial, possuía ritmos próprios, gerados por uma combinação de álcool e insónia.

Na varanda diagonalmente acima dele, uma das vizinhas de Laing, Charlotte Melville, dispunha uma série de tabuleiros com bebidas em cima de uma mesa. Consciente, com alguma náusea, do seu fígado desgastado, Laing lembrou-se de que, na festa de Alice, na noite anterior, havia aceitado um convite para um *cocktail*. Felizmente, Charlotte salvara-o do cirurgião ortodôntico obcecado com a conduta do lixo. Laing estivera demasiado embriagado para conseguir chegar a algum lado com a bonita viúva de trinta e cinco anos, embora tivesse ficado a saber que era redatora e proprietária de uma pequena mas dinâmica agência de publicidade. A proximidade do apartamento dela, tal como o seu estilo descontraído, atraíam Laing, provocando nele uma mistura confusa de depravação e oportunidade romântica; à medida que ia ficando mais velho, dava por si a tornar-se simultaneamente mais romântico e insensível.

Sexo era algo, Laing insistia em lembrar a si mesmo, que o arranha-céus tinha o potencial de proporcionar em abundância. Esposas entediadas, vestidas como se fossem para uma luxuosa gala à meia-noite no terraço panorâmico, a deambularem pelas piscinas e pelo restaurante nas horas vagarosas do início da tarde ou a passearem de braço dado por entre a multidão do 10.º andar. Laing observava-as quando passavam vagarosamente por ele, com um olhar fascinado mas cauteloso. Não obstante o seu

aparente cinismo, sabia que se encontrava numa fase vulnerável, esse período imediatamente a seguir ao divórcio: um caso feliz, com Charlotte Melville ou outra pessoa qualquer, depressa acabaria em mais um casamento. Ele fora para o arranha-céus com o intuito de se afastar de todos os relacionamentos. Até mesmo a presença da irmã, e as observações em relação à mãe agitada deles, a viúva de um médico que estava lentamente a sucumbir ao alcoolismo, de vez em quando pareciam-lhe demasiado.

Contudo, Charlotte havia-lhe rapidamente aquietado todos esses receios. Continuava absorta na morte do marido, com uma leucemia, no bem-estar do filho de seis anos e, admitiu ela a Laing, na insónia de que padecia: um mal comum no arranha-céus, quase uma epidemia. Todos os residentes que ele conhecera, ao saberem que Laing era médico, a dada altura faziam referência à dificuldade que tinham para adormecerem. Nas festas, as pessoas discutiam as suas insónias da mesma maneira que comentavam as outras falhas de *design* inerentes ao prédio. Nas primeiras horas da madrugada, os dois mil condóminos acalmavam-se numa vaga silenciosa de *Seconal*.

Laing conhecera Charlotte na piscina do 35.º andar, onde ele costumava nadar, em parte para estar sozinho, mas também para evitar as crianças que utilizavam a piscina do 10.º piso. Quando a convidara para uma refeição no restaurante, ela aceitara de imediato, mas, assim que se sentaram à mesa, ela dissera-lhe, sem rodeios:

— Ouça, só quero falar sobre mim.

Isso tinha agradado a Laing.

Ao meio-dia, quando ele chegou ao apartamento de Charlotte, um segundo convidado já se encontrava presente, um produtor televisivo chamado Richard Wilder. Um homem atarracado e conflituoso que em tempos fora jogador profissional de râguebi, Wilder morava com a mulher e os dois filhos no 2.º andar do

edifício. As festas ruidosas que organizava com os amigos nos andares inferiores — pilotos e hospedeiras que partilhavam apartamentos — já o tinham feito alvo de inúmeras disputas. Em certa medida, os horários irregulares dos condóminos dos pisos inferiores haviam-nos afastado dos vizinhos mais acima. Num momento de distração, a irmã de Laing confidenciara-lhe que funcionava um bordel algures no arranha-céus. As misteriosas movimentações das hospedeiras enquanto se dedicavam às suas vidas sociais agitadas, em particular nos pisos por cima do dela, incomodavam claramente Alice, como se de alguma maneira interferissem com a ordem social natural do prédio, com o sistema de precedências inteiramente baseado na altura dos pisos. Laing apercebera-se de que ele e os vizinhos toleravam bastante mais qualquer ruído ou transtorno proveniente dos pisos superiores do que dos pisos inferiores. No entanto, ele simpatizava com Wilder, com a sua voz retumbante e os modos abrutalhados típicos de um jogador de râguebi. Acrescentava uma dimensão do desconhecido que faltava ao prédio. A relação dele com Charlotte era difícil de avaliar: a sua forte agressividade sexual achava-se disfarçada por uma inquietude impressionante. Não era de admirar que a mulher dele, uma jovem pálida com uma pós-graduação que fazia recensões críticas de livros infantis para revistas literárias semanais, parecesse permanentemente exausta.

Enquanto Laing estava parado na varanda, a aceitar uma bebida de Charlotte, o ruído da festa desceu do ar luminoso, como se o próprio céu estivesse carregado de som. Charlotte apontou para um fragmento de vidro na varanda de Laing que escapara à vassoura.

— Anda a ser atacado? Ouvi qualquer coisa a cair. — Falou para Wilder, recostado no meio do sofá dela, a examinar as pernas pesadas. — É aquela gente do 31.º piso.

— Qual gente? — indagou Laing. Partia do princípio de que ela se referia a um grupo específico, um conventículo de atores de cinema ou consultores fiscais demasiado agressivos, ou talvez

um grupo fanático de dipsomaníacos. Porém, Charlotte encolheu ligeiramente os ombros, como se não houvesse necessidade de ser mais específica. Era por demais evidente que ocorrera uma demarcação qualquer na mente dela, semelhante à identificação simplista dele das pessoas de acordo com os pisos onde moravam.

— A propósito, o que é que estamos a comemorar? — perguntou ele quando regressaram à sala de estar.

— Não sabe? — Wilder fez sinal para as paredes e para o teto. — Casa cheia. Atingimos a massa crítica.

— O que o Richard quer dizer é que o último apartamento foi ocupado — explicou Charlotte. — É verdade, os construtores prometeram-nos uma festa à borla quando o milésimo apartamento fosse vendido.

— Estou para ver se sempre cumprem com a palavra — comentou Wilder. Era óbvio que gostava de criticar o arranha-céus. — O esquivo do Anthony Royal ficou de trazer a pinga. Acho que você já o conheceu — disse ele para Laing. — O arquiteto que desenhou este nosso paraíso suspenso.

— Jogamos *squash* juntos — disse Laing, voltando a juntar-se à conversa. Ciente do tom desafiador presente na voz de Wilder, acrescentou: — Uma vez por semana. Mal conheço o tipo, mas simpatizo com ele.

Wilder chegou-se à frente no sofá, segurando a cabeça pesada entre os punhos cerrados. Laing reparou que o tipo estava sempre a tocar-se, inspecionando constantemente os pelos das enormes barrigas das pernas e a cheirar as costas das mãos cheias de cicatrizes, como se tivesse acabado de descobrir o próprio corpo.

— Tem sorte em tê-lo conhecido — disse Wilder. — Gostava de saber porquê. É uma figura solitária. Eu até devia levar a mal, mas por algum motivo tenho pena do homem, a pairar por cima de nós qual anjo caído.

— Ele tem uma *penthouse* — comentou Laing. Não tinha vontade nenhuma de se envolver numa discussão por causa da

sua breve amizade com Royal. Conhecera o abastado arquiteto, um antigo membro do consórcio que havia concebido o projeto de desenvolvimento, na fase final da recuperação de Royal de um pequeno acidente de viação. Laing ajudara-o a montar a complexa máquina de treino calisténico na *penthouse* onde Royal passava o tempo, centro de imensa curiosidade e atenção. Como toda a gente dizia repetidamente, Royal morava «no cimo» do edifício, como se fosse uma espécie de poiso glamoroso.

— O Royal foi o primeiro a mudar-se para cá — explicou-lhe Wilder. — Há qualquer coisa nele que ainda não consegui perceber. Talvez seja um sentimento de culpa; anda lá por cima como se estivesse à espera de ser encontrado. Por acaso pensava que ele se fosse embora. Tem uma mulher jovem e rica, porquê continuar aqui neste prédio pretensioso? — Antes de Laing ter tempo de protestar, Wilder continuou: — Eu sei que a Charlotte tem as reservas dela em relação a morar aqui. O problema de sítios como este é que não foram desenhados a pensar nas crianças. O único espaço aberto afinal é o parque de estacionamento do prédio ao lado. A propósito, doutor, estou a planear fazer um documentário televisivo sobre arranha-céus, um vislumbre incisivo das pressões físicas e psicológicas de se morar num condomínio imenso como este.

— Material não lhe falta.

— Tenho até demais, como sempre. Acha que o Royal estaria disposto a participar? Podia perguntar-lhe, doutor. Na qualidade de um dos arquitetos do prédio e como primeiro morador, a opinião dele seria bastante interessante. E a sua também...

Enquanto Wilder falava muito depressa, as palavras sobrepondo-se ao fumo do cigarro que lhe brotava da boca, Laing virou a sua atenção para Charlotte. Ela observava atentamente Wilder, acenando com a cabeça sempre que ele expunha o seu ponto de vista. Laing gostava da determinação dela em defender-se a si mesma e ao filho pequeno da sua evidente sanidade mental e senso comum. O casamento dele com uma médica especialista em medicina

tropical fora um desastre total ainda que breve, um reflexo sabe Deus de que tipo de necessidades. Com um discernimento infalível, Laing envolvera-se com uma jovem médica altamente tensa e ambiciosa, para quem a recusa de Laing em desistir do ensino — já de si suspeita — e de se envolver diretamente nos aspetos políticos da medicina preventiva havia motivado um sem-fim de discussões e confrontações. Ao fim de somente seis meses juntos, ela juntara-se subitamente a uma organização internacional de luta contra a fome e partira numa missão de três anos. Todavia, Laing não fizera qualquer esforço para a seguir. Por razões que não conseguia explicar, sentira alguma relutância em abandonar o ensino e a segurança reconhecidamente duvidosa de estar com alunos que eram quase da sua idade.

Charlotte compreenderia isso, calculava ele. Na sua mente, Laing projetou o possível curso de um caso amoroso com ela. A proximidade e a distância que o arranha-céus proporcionava em simultâneo, o contexto emocional neutro no qual se poderiam desenvolver os relacionamentos mais intrigantes, tinham começado a interessá-lo por si só. Por alguma razão deu consigo a distanciar-se, mesmo no contexto desse encontro ainda imaginário, pressentindo que estavam muito mais envolvidos um com o outro do que julgavam. Unia-os uma rede quase inatingível de rivalidades e intrigas.

Tal como ele previra, esse encontro aparentemente casual no apartamento de Charlotte fora organizado com o intuito de avaliar a atitude dele em relação aos residentes dos pisos superiores, que tentavam excluir as crianças da piscina do 35.º piso.

— As condições dos nossos arrendamentos garantem-nos igual acesso a todos os serviços — explicou Charlotte. — Decidimos criar um grupo de ação parental.

— Mas isso deixa-me automaticamente de fora.

— Precisamos de um médico no comité. O argumento pediátrico teria muito mais impacto vindo de si, Robert.

— Bem, talvez... — Laing hesitou em comprometer-se. Quando desse por isso, seria uma personagem num documentário televisivo altamente emotivo ou estaria a tomar parte numa manifestação à porta do escritório do administrador do prédio. Sem vontade nenhuma de ser apanhado numa contenda entre pisos a uma altura dessas, Laing pôs-se de pé e retirou-se. Quando saiu, viu que Charlotte já se encontrava munida de uma lista de ofensas. Sentando-se ao lado de Wilder, ela começou a marcar as queixas que seriam apresentadas ao administrador do prédio, qual professora escrupulosa a fazer o plano de estudos para o trimestre seguinte.

Quando Laing regressou ao apartamento dele, a festa no 31.º piso já havia terminado. Deixou-se ficar na varanda em silêncio, a contemplar o magnífico jogo de luz que incidia sobre o prédio contíguo, a 365 metros de distância. O edifício já estava terminado, e por coincidência os primeiros residentes tinham chegado na mesma manhã em que o último morador havia chegado ao prédio dele. Uma camioneta de mudanças fazia marcha-atrás em direção à entrada do elevador de carga, e os tapetes e as colunas de som, os toucadores e os candeeiros de quarto, em breve subiriam o poço do elevador, para criar os elementos de um mundo privado.

Pensando no êxtase de prazer e entusiasmo que os novos condóminos iriam sentir ao espreitarem pela primeira vez pelo peitoril elevado da face escarpada, Laing contrastou esse pensamento com a conversa que acabara de ouvir entre Wilder e Charlotte Melville. Ainda que com alguma relutância, agora era obrigado a aceitar algo que andava a tentar reprimir: que os últimos seis meses tinham sido um período de discussões contínuas entre os vizinhos, de disputas triviais por causa dos elevadores e ares condicionados avariados, de inexplicáveis faltas de luz, de barulho, de luta para conseguir um lugar de estacionamento e, em suma, desse grande número de pequenos defeitos que se esperava especificamente que os arquitetos corrigissem nesses apartamentos

demasiado caros. As tensões subjacentes entre os residentes eram incrivelmente fortes, em parte atenuadas pelo estilo civilizado do edifício, mas também pela necessidade óbvia de transformar esse prédio enorme num êxito.

Laing recordou um incidente insignificante mas desagradável que tinha ocorrido na tarde anterior, na ala comercial do 10.º andar. Enquanto esperava para depositar um cheque no banco, assistiu a uma altercação junto à porta da piscina. Um grupo de crianças, ainda molhadas, afastava-se da figura imponente de um contabilista analítico do 17.º piso. Virada para ele, nessa disputa desigual, estava Helen Wilder. Há muito que a pugnacidade do marido a havia destituído da sua autoconfiança. Enquanto tentava nervosamente controlar as crianças, escutava, estoica, a reprimenda do contabilista, de vez em quando ripostando com pouca convicção.

Deixando o balcão do banco, Laing caminhou em direção a eles, passando pelas caixas apinhadas de gente do supermercado e as filas de mulheres sentadas debaixo dos secadores no salão de cabeleireiro. Detendo-se ao lado da Sra. Wilder, à espera de que ela o reconhecesse, ouviu o contabilista queixar-se de que os filhos dela tinham urinado dentro da piscina e que não era a primeira vez que isso acontecia.

Laing intercedeu por breves instantes, mas o contabilista transpôs as portas de vaivém, confiante de que havia intimidado a Sra. Wilder o suficiente para afastar a prole dela para todo o sempre.

— Obrigada por ter tomado o meu partido. O Richard era para estar aqui. — Ela afastou uma madeixa de cabelo molhado dos olhos. — Isto começa a tornar-se impossível: agendamos horas específicas para os miúdos, mas os adultos aparecem na mesma. — Pegou no braço de Laing e semicerrou nervosamente os olhos na direção da ala cheia de gente. — Importa-se de me acompanhar até ao elevador? Deve parecer-lhe um pouco paranoico da minha parte, mas começo a ficar obcecada com a ideia de que um dia vamos ser fisicamente atacados... — Estremeceu sob a toalha molhada,

ao mesmo tempo que impelia os filhos para a frente. — É quase como se estas não fossem as pessoas que moram realmente aqui.

Durante a tarde, Laing deu por si a pensar nesse último comentário de Helen Wilder. Por muito absurdo que tivesse soado, a afirmação continha uma certa verdade. De vez em quando os vizinhos dele, o cirurgião ortodôntico e a respetiva esposa, apareciam à varanda e franziam o sobrolho para Laing, como se reprovassem a forma descontraída como ele se deitava na espreguiçadeira. Laing tentara imaginar a vida deles em conjunto, os passatempos, as conversas, os atos sexuais. Era difícil visualizar qualquer tipo de realidade doméstica, como se os Steeles fossem um casal de agentes secretos que tentassem, de forma pouco convincente, representar o papel conjugal. Em contrapartida, Wilder era bastante real, mas não pertencia ao arranha-céus.

Laing recostou-se na sua varanda, vendo a noite cair sobre as fachadas dos prédios adjacentes. O tamanho deles parecia variar de acordo com o jogo de luz sobre as suas superfícies. Às vezes, quando regressava da faculdade de medicina no início da noite, ficava convencido de que o arranha-céus conseguira prolongar-se durante o dia. Erguido nas suas pernas de betão, o prédio com quarenta andares parecia ainda mais alto, como se um grupo de trolhas de folga dos estúdios de televisão tivesse calmamente acrescentado mais um piso. Os cinco edifícios no perímetro oriental do projeto com 2,59 quilómetros quadrados formavam uma paliçada imensa que, ao anoitecer, mergulhava na escuridão as ruas suburbanas atrás dela.

Os arranha-céus pareciam quase desafiar o próprio sol: Anthony Royal e os arquitetos que tinham desenhado o complexo não podiam ter adivinhado o drama diário da confrontação matinal entre esses blocos de cimento e o sol nascente. Fazia todo o sentido o sol surgir primeiro por entre as pernas dos prédios, erguendo-se no horizonte como se receasse despertar essa fileira de gigantes.

Durante a manhã, do seu gabinete no último piso da faculdade de medicina, Laing via as sombras dos prédios projetadas sobre os parques de estacionamento e sobre as praças vazias do projeto, como comportas que se abrem para receber o dia. Não obstante todas as suas reservas, Laing era o primeiro a admitir que esses edifícios imensos tinham sido bem-sucedidos na tentativa de colonizar o céu.

Pouco depois das nove horas nessa mesma noite, uma falha de eletricidade deixara temporariamente às escuras o 9.º, 10.º e 11.º pisos. Recordando esse incidente, Laing ficara admirado com o grau de confusão durante os quinze minutos do corte de energia. Cerca de duzentas pessoas estavam presentes na ala do 10.º andar, e muitas ficaram feridas quando da fuga precipitada em direção aos elevadores e às escadas. Irrompeu na escuridão uma série de altercações absurdas e desagradáveis entre as pessoas que queriam descer para os seus apartamentos, nos pisos inferiores, e os residentes dos pisos superiores, que insistiam em escapar no sentido ascendente, rumo às alturas mais frescas do edifício. Durante o apagão, dois dos vinte elevadores tinham parado. O ar condicionado fora desligado, e uma mulher presa num elevador entre o 10.º e o 11.º pisos tinha ficado completamente histérica, possivelmente vítima de um pequeno ataque sexual; por fim, o restabelecimento da luz revelara a azáfama de ligações ilícitas que haviam florescido nas condições benevolentes da escuridão total, qual espécie de planta insaciável.

Laing ia a caminho do ginásio quando a luz faltara. Sem vontade nenhuma de se juntar à confusão na ala, deixara-se ficar à espera numa sala de aulas deserta da escola básica. Sentado sozinho a uma das minúsculas mesas de criança, rodeado pelos contornos indistintos dos desenhos divertidos afixados nas paredes, ouvira os pais das crianças arrastarem os pés e gritarem na zona do elevador. Quando as luzes voltaram a acender-se, saíra para o meio

dos moradores atónitos e fizera o possível para acalmar toda a gente. Supervisionou a transferência da passageira histérica do elevador para o sofá do átrio. A mulher, esposa corpulenta de um ourives do 40.º piso, agarrou-se com força ao braço de Laing, só o largando quando o marido apareceu.

À medida que a multidão de residentes se dispersava, os dedos a premirem os botões de chamada dos pisos do elevador, Laing apercebeu-se de que duas crianças se haviam abrigado noutra sala de aula durante o apagão. Agora estavam paradas junto à entrada da piscina, afastando-se de forma defensiva da figura alta do contabilista analítico do 17.º piso. Esse autonomeado guardião da água empunhava uma rede de cabo comprido de piscina como se se tratasse de uma arma bizarra.

Furioso, Laing correu na direção deles. Mas as crianças não estavam a ser afastadas da piscina. Deram um passo para o lado assim que Laing se aproximou. O contabilista encontrava-se parado junto à borda da água, enfiando desastradamente a rede na superfície calma. Na zona funda, três nadadores, que tinham estado a boiar durante todo o corte de energia, galgavam o rebordo. Um deles, reparou Laing sem pensar, era Richard Wilder. Laing agarrou o cabo da rede. Perante o olhar das crianças, ajudou o contabilista a esticá-la sobre a água.

A flutuar no meio da piscina, via-se o corpo afogado de um galgo-afegão.

2

FESTA

Nos dias que se seguiram ao afogamento do cão, a atmosfera agitadíssima no interior do arranha-céus começou gradualmente a esmorecer, mas para o Dr. Laing essa tranquilidade relativa era ainda mais ominosa. A piscina do 10.º piso continuava deserta, em parte, calculava Laing, porque toda a gente achava que a água estava contaminada pelo galgo-afegão morto. Pairava sobre a água parada um miasma quase palpável, como se o espírito do animal afogado estivesse a reunir todas as forças de vingança e de retribuição presentes no interior do edifício.

A caminho da faculdade de medicina, umas manhãs após o incidente, Laing espreitou a ala do 10.º piso. Depois de ter reservado um campo de *squash* para o seu jogo semanal com Anthony Royal nessa noite, caminhou em direção à entrada da piscina. Recordou o pânico e a multidão em fuga durante o apagão. Em comparação, o centro comercial achava-se agora completamente deserto, com um único cliente a encomendar vinhos na loja de bebidas. Laing empurrou as portas de vaivém e passeou à volta da piscina. Os vestiários estavam fechados, as cortinas cerradas em torno dos chuveiros. O funcionário oficial, um antigo instrutor de exército reformado, estava ausente da sua cabina atrás das pranchas de salto. Era evidente que a profanação da água fora demais para ele.

Laing parou junto ao rebordo de azulejos da parte funda, sob a luz fluorescente inalterável. De vez em quando, o ligeiro movimento lateral do edifício no ar circulante provocava uma pequena ondulação de alerta na superfície plana da água, como se nas suas profundezas pelágicas uma criatura imensa se mexesse no sono.

Ele recordou a ajuda que dera ao contabilista para retirar o galgo-afegão da água e de ter ficado espantado com a leveza do mesmo. Com o seu pelo glamoroso ensopado de água tratada com cloro, o cão ficara estendido qual arminho imenso sobre os mosaicos coloridos. Enquanto esperavam que a dona, uma atriz de televisão do 37.º piso, descesse para vir buscar o cão, Laing examinara-o com atenção. Não tinha ferimentos externos nem marcas de ter estado preso. O mais certo era ter saído do apartamento, entrado num elevador e saído na ala comercial durante a confusão do apagão, depois ter caído dentro da piscina e morrido de exaustão. Mas essa explicação não se encaixava muito bem nos factos. O corte de energia durara pouco mais de quinze minutos, e um cão daquele tamanho tinha força suficiente para nadar durante horas. Além do mais, podia simplesmente ter-se apoiado nas patas traseiras na zona mais baixa. Mas, se tivesse sido atirado para a piscina e segurado debaixo de água, em plena escuridão, por um nadador com força...

Atónito com as suas próprias suspeitas, Laing deu uma segunda volta de reconhecimento à piscina. Algo o convencia de que o afogamento do cão fora um ato provocador, com o intuito de fomentar a retaliação. A presença dos cinquenta e tal cães no arranha-céus era há muito fonte de irritação. Quase todos pertenciam aos moradores dos dez últimos pisos — da mesma maneira que, inversamente, a maioria das crianças morava nos dez primeiros pisos. Juntos os cães formavam um grupo de animais de estimação de raça demasiado mimados, cujos donos não tinham o mínimo respeito pelo conforto ou privacidade dos restantes condóminos. Os cães ladravam nos parques de estacionamento quando os passeavam à noite, conspurcando os espaços entre os automóveis. Em mais de uma ocasião, as portas dos elevadores tinham ficado borrifadas de urina. Laing ouvira Helen Wilder queixar-se de que, em vez de utilizarem os cinco elevadores de alta velocidade que os transportavam de um átrio de entrada separado diretamente para os

últimos pisos, os donos dos cães serviam-se habitualmente dos elevadores dos pisos inferiores, encorajando os animais a utilizá-los como se fossem casas de banho.

Essa rivalidade entre os donos dos cães e os pais das crianças já polarizara, de certo modo, o edifício. Entre os pisos superiores e os pisos inferiores — mais ou menos entre o 10.º e o 30.º piso —, formara-se um país intermediário. Durante o curto interregno após o afogamento do cão, havia-se instalado uma espécie de calma intencional na secção do meio do arranha-céus, como se os residentes já tivessem percebido o que estava a acontecer no interior do edifício.

Laing descobriu-o quando regressara da faculdade de medicina na noite em questão. Perto das seis da tarde, a zona de estacionamento reservada aos apartamentos entre o 20.º e o 25.º piso costumava estar a abarrotar, obrigando-o a deixar o carro na zona dos visitantes, a 275 metros de distância do prédio. Seguindo um raciocínio lógico, os arquitetos do edifício haviam atribuído os lugares de estacionamento de maneira que, quanto mais alto se situasse o apartamento de um residente (e, consequentemente, maior a viagem de elevador), mais próximo do edifício era o respetivo lugar de estacionamento. Os residentes dos pisos inferiores eram obrigados a percorrer diariamente uma distância considerável de e para os automóveis: uma visão com o seu quê de agradável, Laing havia notado. Por algum motivo, o arranha-céus favorecia os impulsos mais banais.

Nessa noite, contudo, assim que ele chegara, o parque de estacionamento já apinhado, Laing ficara admirado com o comportamento tolerante dos outros condóminos. Tinha chegado ao mesmo tempo que o seu vizinho, o Dr. Steele. Por direito, deviam ter competido pelo último lugar vago e subido em elevadores separados até ao mesmo piso. Mas nessa noite fizeram sinal um ao outro para avançar, numa mostra de cortesia exagerada, e ficaram à espera de que o outro estacionasse. Até caminharam juntos à entrada principal.

No átrio, um grupo de condóminos encontrava-se reunido à porta do escritório do administrador, protestando ruidosamente com a secretária dele. O sistema de fornecimento de energia elétrica do 9.º piso continuava avariado e à noite o piso ficava completamente às escuras. Felizmente no verão escurecia mais tarde, mas a inconveniência para os cinquenta residentes desse andar era considerável. Nenhum dos eletrodomésticos dos apartamentos deles estava a funcionar, e os limites para a colaboração com os vizinhos dos pisos imediatamente acima e abaixo haviam sido rapidamente alcançados.

Steele observou-os com indiferença. Embora tivesse vinte e muitos anos, os seus maneirismos já eram claramente de meia-idade. Laing deu consigo a ficar fascinado com o impecável risco ao meio do homem, quase um orifício.

— Estão sempre a queixar-se de alguma coisa — confidenciou Steele a Laing, ao entrarem no elevador. — Se não é uma coisa, é outra. Parecem ser incapazes de perceber que os serviços de um prédio novo demoram o seu tempo a atingir a normalidade.

— Ainda assim, deve ser complicado estar sem luz.

Steele abanou a cabeça.

— Sobrecarregam persistentemente o quadro geral com as suas elaboradas aparelhagens de som e os seus eletrodomésticos desnecessários. Vigia-bebés eletrónicos porque as mães são demasiado preguiçosas para levantarem o rabo das espreguiçadeiras, picadoras especiais para fazerem a comida dos filhos...

Laing esperou que a viagem terminasse, já arrependido da recente solidariedade para com o vizinho. Por algum motivo, Steele deixava-o nervoso. Não era a primeira vez que desejava ter comprado um apartamento acima do 30.º piso. Os elevadores de alta velocidade eram uma maravilha.

— As crianças do prédio parecem-me ter ótimo aspeto — observou ele, quando saíram no 25.º piso.

O cirurgião agarrou-lhe o cotovelo com uma força surpreendente. Sorriu-lhe de forma tranquilizadora, com uma boca que mais parecia uma catedral ebúrnea em miniatura.

— Acredite em mim, Laing. Eu vejo-lhes os dentes.

O tom de voz punitivo de Steele, como se descrevesse um bando tipicamente debilitado de trabalhadores sazonais em vez dos abastados vizinhos deles, surpreendeu Laing. Conhecia alguns dos residentes do 9.º piso: um sociólogo amigo de Charlotte Melville e um controlador de tráfego aéreo que tocava num trio de cordas com amigos do 25.º piso, um homem divertido e educado com quem Laing costumava conversar quando ele transportava o violoncelo no elevador. Mas a distância dava azo a um certo desencanto.

Laing convenceu-se ainda mais da amplitude dessa divisão de lealdades quando saiu para jogar *squash* com Anthony Royal. Apanhou o elevador até ao 40.º piso e, como de costume, chegou dez minutos adiantado para poder ir até ao terraço. A vista deslumbrante lembrava-o sempre dos sentimentos ambivalentes que nutria em relação a essa paisagem de betão. Parte do encanto residia claramente no facto de se tratar de um ambiente construído não para o Homem mas para a ausência dele.

Laing debruçou-se sobre o parapeito, sentindo um arrepio agradável sob a sua roupa desportiva. Protegeu os olhos das fortes correntes de ar que se erguiam da face do arranha-céus. A amálgama de telhados planos, taludes em curva e fachadas-cortina retilíneas formavam uma mistura curiosa de geometrias; não propriamente uma arquitetura habitável, refletiu ele, mais o diagrama inconsciente de uma misteriosa ocorrência paranormal.

Quinze metros à esquerda de Laing, decorria uma festa. Achavam-se dispostas duas mesas de bufete cobertas de toalhas brancas, com tabuleiros de canapés e copos, e um empregado servia bebidas atrás de um bar portátil. Cerca de trinta convivas vestidos a rigor conversavam em pequenos grupos. Laing ignorou-os durante

uns minutos, batendo distraidamente com o saco das raquetas no parapeito, mas algo na tagarelice dura e excessivamente entusiasmada fê-lo virar-se. Vários convivas estavam a olhar na sua direção, e Laing teve a certeza de que falavam dele. A festa havia-se aproximado do local onde ele se encontrava, e os convivas mais próximos estavam a pouco mais de três metros de distância. Eram todos residentes dos três últimos pisos. Ainda mais invulgar era a formalidade deliberada da roupa que envergavam. Em nenhumas das festas do arranha-céus Laing vira alguém vestido sem ser num estilo casual, porém esses homens vestiam *smoking* e as mulheres usavam vestidos compridos até aos pés. Exibiam uma postura resoluta, como se aquilo fosse mais uma conferência de planeamento do que uma festa.

Ali perto, a figura impecável de um abastado negociante de arte caminhava na direção de Laing, as lapelas do *smoking* a abanarem ao vento qual fole roto. De cada lado dele vinham as esposas de meia-idade de um corretor da bolsa e de um fotógrafo da alta-roda, que fitavam com desdém a roupa desportiva e os ténis brancos de Laing. Ele agarrou no saco das raquetas e no de desporto, mas o caminho que conduzia às escadas achava-se bloqueado pelas pessoas à sua volta. A festa havia-se deslocado em peso ao longo do terraço, e o empregado estava agora parado sozinho entre o bar e as mesas do bufete.

Laing encostou-se ao parapeito, pela primeira vez consciente da distância imensa até ao chão lá em baixo. Estava rodeado por um grupo de moradores a respirar pesadamente[1], tão perto que sentia a mistura de cheiros de perfumes e loções pós-barba caríssimos. Sentia alguma curiosidade em saber o que tencionavam fazer exatamente, mas também tinha a plena noção de que a qualquer instante podia dar-se um ato de violência sem sentido.

---

1 No original, «*a heavily breathing group*» (um grupo de pessoas a respirar pesadamente), que no contexto tem um duplo sentido: a expressão *heavy breathers* significa «gente de poder», «pessoas influentes». [*N. das T.*]

— Dr. Laing... Minhas senhoras, podem deixar passar o doutor? —Nesse que parecia ser o último instante, uma figura familiar com mãos hábeis e um andar sereno chamou por ele, num gesto tranquilizador. Laing reconheceu o ourives cuja esposa histérica ele examinara por breves instantes durante o corte de energia. Quando o homem cumprimentou Laing, os convivas dispersaram-se descontraidamente, qual grupo de figurantes rumo à cena seguinte. De forma automática, regressaram calmamente às suas bebidas e canapés.

— Cheguei em boa altura? — O ourives fitou Laing, como se estivesse admirado com a presença dele nesse domínio privado. — Veio jogar *squash* com o Anthony Royal? Infelizmente ele decidiu recusar. — E acrescentou, quase como se falasse para os próprios botões: — A minha mulher devia estar presente. Foi tratada de forma vergonhosa, sabe. Eles pareciam animais...

Ligeiramente abalado, Laing acompanhou-o até à escadaria. Voltou o olhar para a festa, com os elegantes convidados, sem ter a certeza se teria imaginado o ataque iminente sobre a sua pessoa. Afinal de contas, o que poderiam ter feito realmente: atirá-lo do parapeito abaixo?

Enquanto pensava no assunto, reparou num vulto familiar de cabelo claro que envergava um casaco branco estilo safari, a mão pousada na máquina de treino calisténico da *penthouse* com vista para a extremidade norte do terraço. Deitado aos pés dele via-se o pastor-alemão de Royal com o seu pelo ártico, sem dúvida o cão mais importante do prédio. Sem fazer nenhuma tentativa para se esconder, Anthony Royal observava Laing com um olhar pensativo. Como de costume, a expressão dele era uma mistura inquietante de arrogância e atitude defensiva, como se estivesse por demais ciente dos defeitos internos desse edifício gigante que havia ajudado a desenhar, mas estivesse decidido a desafiar qualquer crítica, ainda que valendo-se de símbolos dramáticos como o pastor-alemão e o casaco branco à caçador. Apesar de ter

mais de cinquenta anos, o cabelo claro pelos ombros dava-lhe um ar incrivelmente jovem, como se o ar mais fresco a essa altitude o tivesse de algum modo resguardado dos processos normais de envelhecimento. A testa ossuda dele, ainda marcada com as cicatrizes do acidente de viação, inclinava-se para o lado, e ele parecia confirmar se uma experiência montada por si já tinha chegado ao fim.

Laing ergueu o braço no ar e acenou-lhe, ao mesmo tempo que o ourives lhe indicava rapidamente o caminho para baixo, mas Royal não lhe respondeu. Por que motivo não cancelara a partida de *squash* pelo telefone? Por instantes, Laing teve a certeza de que Royal o havia deliberadamente feito subir ao terraço, com a plena noção de que decorria uma festa, apenas para observar a reação e o comportamento dos convivas.

Na manhã seguinte Laing levantou-se cedo, ansioso para se despachar. Sentia-se fresco e lúcido, mas, sem perceber bem porquê, decidiu tirar o dia de folga. Às nove em ponto, depois de andar de um lado para o outro durante duas horas, telefonou para a sua secretária na faculdade de medicina e adiou a supervisão dessa tarde. Quando ela lamentou Laing estar doente, ele desvalorizou-a:

— Está tudo bem, não estou doente. Tenho um assunto importante para tratar.

O quê? Admirado com o seu próprio comportamento, Laing deambulou pelo pequeno apartamento. Charlotte Melville também se encontrava em casa. Estava vestida com um fato de trabalho, mas não parecia prestes a sair. Convidou Laing para tomar café, mas, quando ele lá chegou, uma hora mais tarde, ela estendeu-lhe distraidamente um copo de xerez. A visita dele, Laing descobriu rapidamente, era um pretexto para ele examinar o filho dela. O rapaz estava a brincar no quarto, mas segundo Charlotte não se sentia em condições de ir para a escola básica, no 10.º piso.

Como se não bastasse, a irmã mais nova da mulher de um piloto de avião do 1.º piso recusara-se tomar conta dele.

— É uma chatice, ela costuma estar sempre disponível. Há meses que conto com ela. Pareceu-me algo distante ao telefone, como se quisesse safar-se...

Laing escutou-a por simpatia, interrogando-se se deveria oferecer-se para tomar conta da criança. Mas não detetou nada nesse sentido na voz de Charlotte. Ao brincar com o rapaz, Laing percebeu que ele não estava doente. Feliz da vida, perguntou à mãe se podia ir para o parque infantil do 3.º piso nessa tarde. Num gesto automático, ela recusou. Laing observou-a com um interesse crescente. Tal como ele, Charlotte estava à espera de que algo acontecesse.

Não foi preciso esperarem muito tempo. No início da tarde, teve lugar a primeira de uma série de provocações entre os pisos rivais, pondo novamente em marcha o mecanismo latente de disrupção e hostilidade. Os incidentes foram absolutamente triviais, mas Laing já sabia que refletiam antagonismos enraizados que começavam a despontar à superfície da vida no interior do arranha-céus, cada vez em mais pontos. Muitos dos fatores eram evidentes há muito: queixas quanto ao ruído e maus-tratos dos serviços do prédio, rivalidades por causa dos apartamentos mais bem situados (os apartamentos afastados das zonas dos elevadores e dos poços de serviço, com o seu barulho constante). Havia mesmo uma certa inveja mesquinha das mulheres mais atraentes que moravam nos pisos superiores, uma crença generalizada que Laing tivera o prazer de comprovar. Durante o corte de energia, a mulher de dezoito anos de um fotógrafo de moda do 38.º piso fora atacada no salão de cabeleireiro por uma desconhecida. Presumivelmente num gesto de retaliação, três hospedeiras do 2.º piso foram agressivamente empurradas por um grupo de matronas dos pisos superiores encabeçado pela corpulenta esposa do ourives.

Assistindo a tudo da varanda de Charlotte, Laing esperou enquanto o primeiro dos incidentes tinha lugar. Ali parado na companhia de uma mulher bonita, e com uma bebida na mão, sentia-se agradavelmente inebriado. Por baixo deles, no 9.º piso, decorria uma festa infantil. Os pais nem sequer tentavam conter a respetiva prole, incentivando-a inclusivamente a fazer o máximo de barulho possível. No espaço de meia-hora, estimulados pelo fluxo constante de álcool, o ruído dos pais sobrepôs-se ao dos filhos. Charlotte riu-se em voz alta quando se despejaram bebidas gaseificadas em cima dos carros parados em baixo, encharcando os para-brisas e os tejadilhos das limusinas caras e dos sedãs desportivos nas filas da frente.

Essa conduta animada foi testemunhada por centenas de residentes que tinham aparecido às respetivas varandas. Para se evidenciarem perante o público, os pais começaram a incitar os filhos. Crianças embriagadas corriam de um lado para o outro, ao abandono. Por cima deles, no 37.º piso, uma advogada começou a gritar furiosamente, indignada com os danos causados no seu descapotável desportivo cujos assentos de pele pretos estavam cobertos de gelado derretido.

Reinava um agradável ambiente de arraial. Pelo menos era diferente, pensou Laing, do comportamento habitual no arranha-céus. Contrariados, ele e Charlotte juntaram-se à risada e aos aplausos como se fossem espetadores num circo amador improvisado.

Um número impressionante de festas decorria nessa noite. Regra geral, algumas tinham lugar sem ser ao fim de semana, mas, nessa noite de quarta-feira, toda a gente parecia estar a divertir-se. Tocavam telefones constantemente, e Charlotte e Laing foram convidados para seis festas diferentes.

— Tenho de ir arranjar o cabelo. — Charlotte pegou no braço dele com alegria, quase abraçando Laing. — O que é que estamos a comemorar exatamente?

A pergunta surpreendeu Laing. Segurou o ombro de Charlotte, como se a protegesse.

— Sabe Deus. Não tem nada a ver com jogos e divertimento.

Um dos convites fora feito por Richard Wilder. Ele e Charlotte tinham-no recusado de imediato.

— Porque é que recusámos? — perguntou Charlotte, a mão dela ainda a segurar o auscultador. — Ele já estava à espera disso.

— Os Wilders moram no 2.º piso — explicou Laing. — As coisas são muito estranhas lá em baixo...

— Lá está você a racionalizar, Robert.

Atrás de Charlotte, enquanto ela falava, o televisor mostrava imagens de uma tentativa de fuga numa prisão. O som estava desligado, e as imagens silenciosas de agentes da polícia e guardas prisionais agachados, assim como das fileiras de celas barricadas, piscavam entre as pernas dela. Toda a gente no arranha-céus, pensou Laing, via televisão com o som desligado. As mesmas imagens reluziam das portas de entrada dos vizinhos dele quando Laing regressou ao apartamento. Pela primeira vez, as pessoas deixavam as portas abertas e saíam, descontraídas, dos apartamentos uns dos outros.

Contudo, essas intimidades não se estendiam além do piso imediato dos residentes. No resto do prédio a polarização do edifício continuava a bom ritmo. Ao constatar que ficara sem bebidas, Laing desceu no elevador até à ala do 10.º piso. Tal como esperava, havia uma grande procura de bebidas alcoólicas e viam-se longas filas de moradores impacientes à porta da loja de bebidas. Avistando a irmã dele, Alice, perto do balcão de atendimento, Laing tentou pedir a ajuda dela. Sem hesitar, ela recusou-se, lançando-se logo numa enérgica condenação dos disparates que haviam ocorrido nessa tarde. De certa maneira associava claramente Laing aos moradores dos pisos inferiores responsáveis pelos desacatos, identificando-o juntamente com Richard Wilder e os capangas dele.

Enquanto Laing esperava para ser atendido, o que parecia ser uma expedição castigadora proveniente dos pisos superiores causou um tumulto na piscina. Um grupo de residentes dos

três últimos andares apareceu com uma atitude agressiva. Entre eles encontrava-se a atriz cujo galgo-afegão morrera afogado na piscina. Ela e os companheiros começaram a brincar na água, bebendo champanhe em cima de um colchão de borracha, o que era contra as regras da piscina, e molhando todas as pessoas que emergiam dos vestiários. Após uma tentativa vã de interceder, o funcionário de idade desistiu e retirou-se para a sua cabina atrás das pranchas de saltos.

Os elevadores eram antros de agressividade, cheios de gente aos empurrões. Os botões de chamada dos pisos estavam a funcionar mal, e os poços dos elevadores ecoavam com pessoas a baterem impacientemente nas portas. A caminho da festa no 27.º piso, Laing e Charlotte foram empurrados quando o elevador em que seguiam desceu até ao 3.º piso, chamado por um trio de pilotos embriagados. De garrafa na mão, há meia-hora que tentavam alcançar o 10.º piso. Agarrando Charlotte pela cintura num gesto de boa disposição, um dos pilotos quase a arrastou para a pequena sala de cinema atrás da escola, que fora anteriormente utilizada para exibir filmes infantis. Agora exibia uma coleção privada de filmes pornográficos, incluindo um filmado no prédio com pessoas recrutadas na zona.

Na festa do 27.º piso, organizada por Adrian Talbot, um psiquiatra efeminado mas simpático da faculdade de medicina, Laing começou a descontrair-se pela primeira vez nesse dia. Reparou de imediato que todos os convidados tinham sido escolhidos dos apartamentos próximos. Os rostos e as vozes deles soavam-lhe tranquilizadoramente familiares. De certa forma, como ele próprio comentou com Talbot, eram os membros de uma aldeia.

— Talvez *clã* seja mais correto — respondeu-lhe Talbot. — A população deste prédio não é, de longe, tão homogénea como parece a princípio. Em breve estaremos a recusar-nos a falar com pessoas que não façam parte do nosso enclave. — E acrescentou: — Esta tarde partiram-me o para-brisas do carro com uma garrafa

arremessada. Posso estacioná-lo perto dos vossos? — Na qualidade de médico acreditado, Talbot tinha o direito de estacionar nos lugares mais próximos do edifício. Laing, talvez antecipando os perigos dessa proximidade, nunca se tinha servido dessa autorização. O pedido do psiquiatra foi imediatamente aceite pelos vizinhos, um apelo à solidariedade que nenhum membro do clã dele podia recusar.

A festa era uma das mais conseguidas que Laing já tinha frequentado. Ao contrário da maioria das festas no arranha-céus, em que convivas elegantes faziam conversa de circunstância profissional para depois se retirarem, esta possuía uma vitalidade real, um ambiente de entusiasmo verdadeiro. Em meia-hora, quase todas as mulheres estavam embriagadas, uma medida que há muito Laing utilizava para calcular o êxito de uma festa.

Quando elogiou Talbot, o psiquiatra mostrou-se reservado:

— Há uma agitação qualquer no ar, lá isso é verdade, mas estará realmente relacionada com boa disposição ou companheirismo? Penso que é mais o oposto.

— Isso não o preocupa?

— Por alguma razão, menos do que devia, mas isso aplica-se a toda a gente.

Esses comentários expressados em concordância preocuparam Laing. Ao escutar as conversas animadas em seu redor, ficou admirado com a amplitude do antagonismo manifestado, a hostilidade direcionada a pessoas que moravam noutros setores do arranha-céus. O humor malicioso, a vontade de acreditar em qualquer mexerico e história exagerada sobre a indolência dos condóminos dos pisos inferiores, ou a arrogância dos pisos superiores, tudo tinha a intensidade do preconceito racial.

Mas, tal como Talbot havia salientado, Laing dava por si despreocupado com o assunto. Sentia até um certo prazer rudimentar em juntar-se aos mexericos e em ver a normalmente discreta Charlotte Melville emborcar mais de duas bebidas. Pelo menos era uma forma de se relacionarem entre eles.

Todavia, quando a festa terminou, irrompeu às portas do elevador, no átrio do 27.º piso, um incidente menor mas desagradável. Embora já passasse das dez da noite, o prédio inteiro estava num frenesi de barulho. Entravam e saíam moradores dos apartamentos uns dos outros, gritando escada abaixo como crianças que se recusavam a irem para a cama. Desorientados com o incessante premir de botões de chamada, os elevadores tinham parado por completo, e gangues de passageiros impacientes enchiam os átrios. Apesar de o destino seguinte deles, uma festa organizada por um lexicógrafo do 26.º piso, fosse somente um piso abaixo, todas as pessoas que tinham saído da festa de Talbot estavam decididas a não utilizar as escadas. Até Charlotte, bastante corada e a cambalear alegremente pendurada no braço de Laing, se juntou à afluência tresloucada ao longo da zona dos elevadores, batendo nas portas com os punhos fortes.

Quando o último elevador chegou, as portas abriram-se para revelar um único passageiro, uma jovem massagista de ombros estreitos e neurasténica que morava com a mãe no 5.º piso. Laing reconheceu-a de imediato como sendo uma das «errantes», de que havia imensas nos arranha-céus, domésticas entediadas fechadas em casa e filhas adultas desempregadas que passavam grande parte do tempo a andar de elevador e a deambular pelos longos corredores do edifício imenso, viajando eternamente em busca de mudança ou animação.

Alarmada com a multidão de gente embriagada que avançava na direção dela, a jovem despertou do seu devaneio e premiu um botão ao acaso. Uma vaia trocista emanou dos convivas pouco firmes. Em poucos segundos ela foi arrancada do interior do elevador e obrigada a enfrentar uma espécie de interrogatório. A esposa animadíssima de um especialista em estatística gritou para a pobre rapariga numa voz esganiçada, abriu caminho à força até à fila da frente de interrogadores e deu-lhe uma bofetada.

Afastando-se de Charlotte, Laing deu um passo em frente. A disposição geral da multidão era desagradável, mas difícil de

levar a sério. Os vizinhos dele pareciam um grupo de figurantes não ensaiados a representar a cena de um linchamento.

— Venha comigo, acompanho-a até às escadas. — Segurando a rapariga pelos ombros estreitos, ele tentou levá-la na direção da porta, mas ouviu-se um coro de gritos incrédulos. As mulheres da multidão empurraram os maridos para o lado e começaram a desferir socos nos braços e no peito da rapariga.

Desistindo, Laing deu um passo para o lado. Viu a jovem completamente chocada enfrentar esse impaciente corredor da morte e ser agredida por um circuito de punhos até conseguir fugir para a escadaria. O seu reflexo de cavalheirismo e senso comum não conseguira competir com aquele pelotão de anjos vingadores de meia-idade. Sentindo-se pouco à vontade, pensou: põe-te a pau, Laing, ou a mulher de um corretor da bolsa qualquer ainda te castra com a mesma perícia com que arranca os caroços a dois abacates.

A noite decorreu ruidosamente, com movimento constante nos corredores, o som de gritos e de vidro a partir-se nos poços dos elevadores, o ressoar de música no ar escuro.

«MAIS TARDE, SENTADO NA VARANDA A COMER O CÃO, O DR. ROBERT LAING REFLETIU SOBRE OS ESTRANHOS ACONTECIMENTOS QUE NOS ÚLTIMOS TRÊS MESES TINHAM OCORRIDO NO INTERIOR DO PRÉDIO ENORME.»

Num imponente edifício de quarenta andares, o último grito da arquitetura contemporânea, vive Robert Laing, um bem-sucedido professor de medicina, mais duas mil pessoas. Para desfrutarem desta vida luxuosa, não precisam sequer de sair à rua: ginásio, piscina, supermercado, tudo se encontra à distância de um elevador. Mas alguma coisa estranha borbulha por baixo desta superfície de rotina.

Primeiro atacam-se os automóveis na garagem, depois os moradores. Um incidente conduz a outro e, acossados, os vizinhos agrupam-se por pisos. Quando aparecem as primeiras vítimas, a festa mal começou. É então que o realizador de documentários Richard Wilder resolve avançar, de câmara em punho, numa viagem por esta inexplicável orgia de destruição, testemunhando o colapso do que nos torna humanos.

Entre a alucinação e a anarquia, a visão nunca ultrapassada de J. G. Ballard oferece-nos um retrato demencial de como a vida moderna nos pode empurrar, não para um estádio mais avançado na evolução, mas para as mais primitivas formas de sociedade.

«Ballard é o mais imaginativo dos sucessores de H. G. Wells.»
KINGSLEY AMIS

«Inventivo. *Arranha-Céus* é um bestiário intenso e vívido, que permanece, incómodo, na nossa mente.»
MARTIN AMIS

ELSINORE
entre nós e as palavras
ISBN 978-989-8086-75-4
9 789898 086754
Literatura Estrangeira
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT